

## **POR ENTRE OS TRAÇOS DA CIDADE: REPRESENTAÇÕES MODERNISTAS DE FORTALEZA NA PINTURA DE ANTÔNIO BANDEIRA (1942 – 1965)**

DANIELLE ALMEIDA LOPES\*

As cidades fascinam. Encantam por seu todo. Rua, praça, morro, mar, cor, cheiro, ruído, textura. Ela comporta atores, personagens, grupos, relações sociais, classes, ritos, festas, comportamentos e hábitos. “Cidades são, por excelência, um fenômeno cultural integrada por um princípio de significados ao mundo”. (PESAVENTO 2007:53).

É na cidade de que o pintor cearense Antônio Bandeira encontrou seu amor pela arte e, fixo em sua matriz cultural, (re) produziu sob formas abstratas a Fortaleza pela qual foi apaixonado desde criança. Os artistas assim como os intelectuais, políticos religiosos entre tantos outros grupos sociais, elaboram sua própria percepção da vida em sociedade a partir de sua inserção em universos particulares que possuem regras próprias. Bandeira criou suas regras a partir de suas vivências e sensações, pintava um mundo de sentidos que o permitia enxergar a cidade, segundo a sua realidade, atribuído significados a traços e cores, ao ‘mundo real’. Em entrevista à Antônio Girão Barroso, em 16 de Julho de 1961, afirmou: “Minha pintura é uma pintura de vanguarda com base nas experiência do cotidiano, é uma pintura de vivências”<sup>1</sup>.

Nascido em 26 de Maio de 1922, o menino mulato logo se interessou por pintura nas aulas de Dona Mundica, professora responsável por dar a Bandeira as primeiras lições sobre arte. É de forma poética que Milton Dias descreve parte da trajetória de Antônio Bandeira nas artes plásticas. Aqui mesmo, em Fortaleza, o menino “Antônio Bandeira teve seu primeiro

---

\* Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará. Bolsista PROVIC - UECE, com orientação do Professor Dr. Gleudson Passos Cardoso coordenador do eixo de pesquisa “Práticas Letradas e Urbanidades”, sob a supervisão do Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago, líder do GPESq-CNPqUECE “Práticas Urbanas”.

<sup>1</sup>UNITÁRIO - 16 de Julho de 1961 - Título da Matéria: Antônio Bandeira, pintor de vivências que o Ceará deu ao mundo

alumbramento, surpreendeu o primeiro gauche, certo crepúsculo triste e lindo, como estes que costumam aparecer por cá no fim de julho, feitos de um tom violeta”(DIAS, 1964:107).

Na década de 1940 passou a integrar o contexto artístico local. Participa de maneira breve e intensa da efervescência artística e intelectual que Fortaleza passava naqueles anos. Ajuda a fundar duas das mais importantes entidades ligadas a arte no Estado do Ceará: o Centro Cultural de Belas Artes (CCBA) e a Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP). Ser integrante da SCAP foi profícuo a Bandeira pelas práticas de pintura que esse grupo desenvolveu. Os integrantes da SCAP pintavam de maneira desbravadora, seguiam o ideal de pintura fora do ateliê, livre, características que entravam respeitosamente em oposição a arte que era produzida em Fortaleza até então, voltada para os referenciais acadêmicos deixados pela Missão Francesa de 1816 e que, no Ceará, tem como um de seus maiores nomes o artista Raimundo Cella (1889-1954). “Os “scapianos” pintavam ‘inventando’ paisagens, ‘descobrimo’ lugares nas sessões de pinturas ao ar livre. O Posso da Draga, o Racho de Jacarecanga, o Morro do Moinho e outros ganham um novo estatuto, o de “objeto do olhar” (RODRIGUES, 2012:56). A cidade é objeto da produção de imagem e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do imaginário de quem a representa, é um fenômeno que se revela pela percepção do pintor. A cidade passa a ser representada através da sensibilidade do pincel de Bandeira.

Diante da imagem estamos sempre diante do tempo<sup>2</sup>. Essa afirmação nada tem de nova apenas relembra o que já foi anteriormente pronunciado por Giulio Argan e Georges Didi-Huberman. Ao estamos diante do abstracionismo de Bandeira estamos diante da Fortaleza das décadas de 1940 à 1960.

Talvez o grande questionamento necessário para a compreensão das próximas linhas seja quanto ao devido uso da fonte. Aqui faremos uma construção histórica através do uso de pinturas (por vezes) abstracionistas de Antônio Bandeira. A História Cultural baliza esta pesquisa quanto ao aparato teórico que, por meio do resgate das representações passadas, almeja “atingir aquele reduto de sensibilidades e do investimento primário na significação de

---

<sup>2</sup> DIDI-HUBERAN, Georges. *Devant Le temps*. Paris: Les Édition de Minuit, 2000. ARGAN, Carlo. *História da Arte como História da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

mundo” (PESAVENTO, 2008:82). É por meio desse novo modo de se fazer história que passa a ser mais usado pelos pesquisadores brasileiros a partir do fim da década de 1980 e que se volta para o exercício de se pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo que guiaremos este trabalho. A História Cultural nos permite o uso de fontes literárias, orais, musicais e os das imagens, este será desbravado a seguir.

Nos anos 1940, a capital do Ceará alcançou uma população de 180.000 habitantes. Durante esta década, a cidade registrou uma taxa de crescimento demográfico de 50%, marca superior a de Salvador. A metrópole começava a ascender de forma desordenada, não havia por parte dos poderes públicos, planejamento para que a cidade e seus moradores acompanhassem o desenvolvimento. Mesmo nas áreas consideradas nobres, não havia infraestrutura urbana adequada e na periferia a situação não era diferente. Além da inexistência de serviços básicos, não havia farmácias, lojas ou mercados e nem telefone público. Até a década de 1950, se formaram as favelas Pirambu, Mucuripe, Cercado do Zé Padre, Lagamar, Morro do Ouro, Varjota, Meireles, Papoquinho e Estrada do Ferro. A população carente também ocupava o Morro do Moinho, o bairro do Seminário, do São João do Tauape, o do Alto da Balança e Cajazeiras.

A pintura Antonio Bandeira nesse momento figurou cenas da vida suburbana de Fortaleza sem cair nos clichês do retrato de pescadores e jangadeiros que eram traços comuns entre os pintores cearenses até então. Em seus quadros são privilegiadas as populações marginais da cidade. Ele pintou cenas com personagens da boemia, em Paisagem Noturna, 1944, e na penúria financeira, em Desempregados, também do mesmo ano. Trata dos temas com pinceladas enérgicas e um desenho forte, inspirados na vitalidade de Vincent van Gogh (1853 - 1890).

Nos anos de 1940, a taxa de desempregados e de subempregados era alta em Fortaleza.

“Homens e mulheres que estão em atividades domésticas, escolares, nas condições inativas, atividades não compreendidas ou mal definidas ou não declaradas somam um número de 83.700 pessoas. Já as atividades mais definidas e regulares somam um total de 51.045 pessoas. Essa situação implica dizer que em Fortaleza a maioria

dos habitantes não recebia regularmente um salário para o sustento diário”.  
(ARAÚJO, 2007:110)



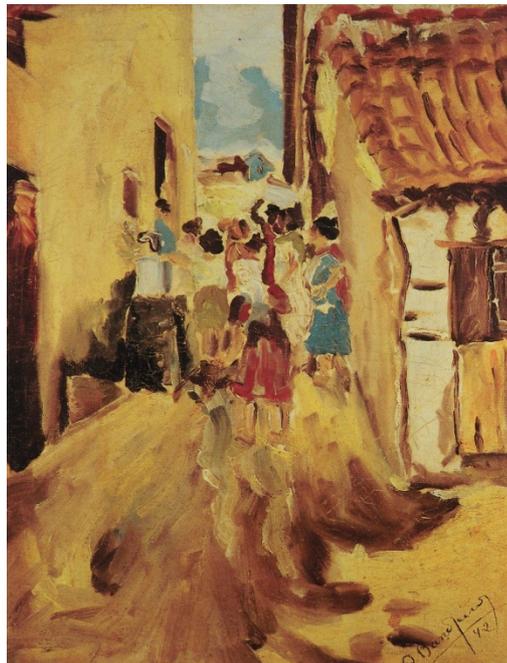
Desempregados, 1942. Aquarela. 40 x 66 cm.

Bandeira pintou a população desempregada como se pode ver na imagem acima. No quadro de 1944 podemos perceber a representação da população que lamentava a ausência de recursos e possibilidades de ascensão nos bancos das praças da capital cearense. Percebemos na fisionomia das pessoas a chateação, tristeza por conta da desocupação. Além desse aspecto, notamos ainda a simplicidade de roupas e postura dos sujeitos representados pelo pintor. Bandeira vive e pinta a cidade, avalia espaços e acontecimentos para então dar voz a determinados atores e personagens por meio de sua arte.

A percepção do pintor do tempo nos coloca dentro de um discurso, neste momento de produção, voltados para os personagens citadinos periféricos, no geral, afastados do desenvolvimento que a cidade alcançava nos meados dos anos de 1940 e 1950. As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e o mundo do produtor, entre o imaginário de Bandeira e o que há de concreto a cerca dos rastros históricos daquele período, funcionam como pegadas para os historiadores do tempo presente diante do desejo de trazer à tona a Fortaleza dos anos de 1940 e 1960. As imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário. Pois

“...o imaginário é esse motor de ação do homem ao longo do tempo de sua exigência, é esse agente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas, resultem elas em obras exequíveis e concretas ou se atenham à esfera do pensamento ou às utopias que não realizam, mas que um dia foram concebidas”. (PESAVENTO, 2007:12)

O tema cidades é recorrente nas obras de Bandeira. São quase três décadas de produção artística que vão de Fortaleza, como o morro do moinho na década de 1940 e as cidades abstratas das décadas de 1950 e 1960. Pintar o morro do moinho, obra exposta a baixo e datada de 1942, é pintar é pintar o povo nas vielas das favelas fortalezenses que naquela década já começavam a se agrupar nas dunas do Mucuripe. São muitos os questionamentos sobre a imagem e a partir do interrogatório feito a fonte podemos perceber representação de duas casas simples, como pode-se ver na pintura abaixo.



Morro do Moinho, 1944. Óleo sobre tela, 50 x 36 cm.

Telhas, portas, janelas, paredes, postes construídas de forma humilde, um recorte quase fotográfico da moradia dos que viviam a moradia nos morros de Fortaleza aquela época. Sabe-se hoje, que o Morro do moinho não era o único a agrupar população humilde. A

cidade que fora idealizada ainda no Século XIX pelo urbanista Adolfo Herbster se expandia para além do centro.

Nesse período evidencia-se, cada vez mais, a expansão urbana do eixo sudoeste, como também da área loteada no sentido leste. Esta ocupação intensiva para o sudoeste se deve à localização da zona industrial, que funciona como um pólo de atração para um grande contingente de migrantes do interior do Estado, gerando como consequência, o surgimento das favelas de Fortaleza, além do crescimento de núcleos antigos, como a favela do Pirambu. O morro representado por Bandeira ilustra ainda a população de costas voltada para o expectador possivelmente observando algo curioso, um fato que chama a atenção daquela população que já na década de 1940 sofria com a carência de recursos básicos que se concentravam no centro da cidade, local de maior efervescência econômica, política e cultural da cidade, fato que (eventualmente) excluiu as populações periféricas que ganham destaque nessas representações.

A pintura o Morro do Moinho, assim como a maioria das pinturas de Antônio Bandeira são feitas com características abstracionistas, que pertence a um período da arte chamado de modernismo. Mas que modernismo é o de Bandeira? Como e por quem ele era praticado na capital do Ceará?

O artista plástico Nilo Brito Firmeza, conhecido como Estrigas, escreve sobre o modernismo fortalezense e lembra que diferente dos grandes centros como São Paulo e o Rio de Janeiro que vieram intensamente do movimento modernista ainda na década de 1920. Aqui, o modernismo, chegou de forma pacífica e se adaptou as condições locais e se desenvolveu sem agressão as correntes artísticas que aqui eram destaque. Três momentos envolveram o movimento artístico modernista em Fortaleza,

“O primeiro, o modernismo não declarado com Pretextato Bezeirra (TX) e Clindenor Capibaribe (Barrica) já na segunda metade da década de 1930. O Segundo momento realiza-se no começo da década de 1940, com modernismo declarado”. ( ESTIGAS, 2012:7-9 )

Nesta segunda fase apontada por Estrigas, aparecem Mário Baratta, Aldemir Martins e Antônio Bandeira como principais nomes. A segunda e terceira fase se fundem, já que

segundo o artista plástico, a terceira fase se dá no momento de confirmação da presença modernista feita por meio do Salão de Abril e dos grupos CCBA e SCAP que nos anos de 1940 praticavam e difundiam o modernismo por meio de oficinas e aulas para jovens pintores e interessados em arte como foi o caso de Estrigas e Nice Firmeza (mulher de Estrigas) que faziam o curso de pintura na SCAP. Segundo Barbosa Leite em seu livro *Esquema da Pintura*<sup>3</sup>, no Ceará até 1941, não se tinha um esquema organizado quanto a orientação e ao estímulo referentes a pintura no Ceará, daí a importância de um movimento de renovação artística.

O jovem Bandeira, foi integrante deste movimento de renovação artística no Ceará e pintava de forma livre, como a SCAP costumava permitir e assim o foi já em 1942 no quadro *Morro do Moinho* acima abordado. No II salão de Abril, Bandeira foi o Grande premiado por suas representações inovadoras. No Jornal *O Estado* de 6 de Fevereiro de 1944, notamos a crítica do escritor Artur Eduardo Benevides:

“Antônio Bandeira é, inegavelmente, uma das paletas mais firmes da nova geração, impressionado sempre desde que apareceu. Este ano, para sua consagração bastaria aquele personalismo de ‘Cena de Botequim’, onde o Baratta descobriu um jeito todo especial de Van Gogh. Em verdade, Antônio Bandeira é um talento moço e um pintor de inegável projeção”.

O talento do pintor o levou ao Rio de Janeiro por um ano e meio e em 1946 ganha uma bolsa de estudos de pintura e parte para Paris onde aprimora seus estudos. Em Paris, a saudade de Fortaleza era muita. Em 1949, mandou para o Salão de Abril um aviso de sua saudade, um quadro de um homem nu que não foi bem visto pelo diretor da SCAP que a época não era um pintor e não via com bons olhos a nudez em arte.

De volta ao Brasil em 1951, Bandeira já se mostra como um pintor de nível internacional. Fez neste ano várias mostras individuais em vários estados: Salão Nacional de Arte Moderna no Rio de Janeiro (Medalha de Bronze), Salão Baiano de Arte Moderna (Medalha de Prata) e na Bienal de São Paul. Nesta exposição, Bandeira apresentava como temática: “Paisagens longínquas”, “Árvores”, “Seres”, “Natividades” e “Cidades”

---

<sup>3</sup> Livro de Barbosa Leite referente a produção artística no Ceará lançado no ano de 1949

principalmente as paisagens de memória que ele tinha de Fortaleza. A maturidade de Bandeira adquiridos em seus estudos desde a infância e, a partir de 1946, na França, passa a ser notado na sua produção. É o caso da pintura exposta abaixo, “Cidade Queimada de Sol”, homenagem declarada de Bandeira à sua cidade natal datada de 1959. O quadro se mostra solar, como Bandeira pensava a cidade de Fortaleza, uma cidade onde o sol é capaz de dar xeque-mate na tristeza<sup>4</sup>. Bandeira se torna um descobridor da cidade,

“... ao contemplar o mundo que já conhece, volta para dentro de si, qual um explorador incansável do território do infinito, das emoções, afim de perpetuar as novas transfigurações o que existe de incorruptível, atravessando os tempos no universo de ontem, no de hoje e por certo no do futuro” (Aluizio Medeiros, Catálogo da exposição de inauguração 15 de julho a 15 de agosto de 1961)



Cidade queimada de sol, 1959. Óleo sobre tela 120,0 x 120,0 cm

Além do quadro, Bandeira também transforma seu carinho por Fortaleza em poema. Escreve em 1961 “Cidade queimada de Sol” à Fortaleza, um presente do “filho que não sabe

---

<sup>4</sup> Imagens do Ceará, de Herman Lima, Edições UFC, Coleção Alagadiço Novo, 1997.

se vem ou se vai o que olha e medita indo e voltando à sua cidade envelhecendo e remoçando com ela” e completa:

Fortaleza  
te ofereço  
esse carinho de gente  
(porque é gente a que  
nasce de teu ventre)  
de corpo e alma também  
ofereço  
cadinho de ferro e bronze  
(uma lembrança de meu pai)  
cadinho de corpo e alma  
esse cadinho de raças  
Fortaleza

Antônio Bandeira

1961

Já nos anos de 1960, Bandeira participa de um marco importante para a História da Arte no Ceará, a inauguração do MAUC (Museu de Arte da Universidade do Ceará). É neste museu que o famoso quadro “Cidade queimada de Sol” está exposto desde sua abertura. O momento da inauguração do Museu trouxe a Fortaleza importantes intelectuais da época devido a consagração do pintor:

“...vários vultos de destaque dos meios culturais brasileiros estarão nos próximos dias em Fortaleza, e assistirão no próximo dia 15, no Museu de Arte da Universidade do Ceará à inauguração e exposição do pintor cearense Antônio Bandeira. Entre eles virão Fernando Sabino, Rubem Braga e Eneida, três dos maiores cronistas brasileiros (...) Poderão tais convidados testemunhar lá no Sul o notável trabalho que aqui está sendo realizado pelo desenvolvimento cultural do povo cearense”. (Jornal O Povo, 11 de Julho de 1961)

No catálogo de inauguração do museu Bandeira se faz poeta, escreve sobre seu ofício: “Primeiro me deram de presente as nuvens, depois um sunga de veludo vermelho, e aí começou a nascer uma liberdade imensa”<sup>5</sup>. Faz descrições sobre o seu pintar e relembra algumas de suas mais famosas obras que representam a Fortaleza do menino Bandeira, da infância, dos anos de 1930 quando era possível brincar nas ruas, em baixo das árvores na cidade que naquela década se mostrava menos frenética do que na década seguinte<sup>6</sup>

E assim viveu o menino Bandeira, “Infância girou em torno de árvore, era um sólido flamboyant vermelho, preto e amarelo que um dia se tornaria em quadro, ou melhor, em seqüência deles, em pintura, talvez.” (DIAS, 1964:108).

Cerca de 32 quadros são expostos ao público entre 15 de julho e 15 de agosto de 1961. Já em 1963, quando Bandeira volta a expor no MAUC de 3 a 18 de Julho o numero de obras chega a 36, entre elas estão: “Cidade noturna”, “Paisagem de Mar”, “Navios em pleno sol”, “O Morro Vermelho”, “Cidade distante”, “Cidade se distanciando”, “Paisagem no entardecer”, “A Grande Cidade”, “Lagamar”, “Cidade vermelha”, “A catedral”, “Cidade anoitecendo”, “Noite”<sup>7</sup> entre outras que moldam o perfil da exposição que agora teria o tema “Cidades mais aflorado”. Sobre isso, Bandeira escreve que

“Depois vem a grande cidade (estamos nela sempre), mas guardamos e conversamos sempre uma certa paisagem longínqua. Infância, objetos, música, perfumes, seres passados acontecidos ou vividos, ficam eternamente conosco, como conteúdo vivo, como pureza. A imensa cidade do dia e da noite, entre atormentada e tranqüila, próxima e distante - para sofrimento e pedaços de felicidade nossa - essa mesma cidade, que as vezes de tão grande que é, vira uma pequena província”.

As cidades são sonhadas, desejadas, temidas e odiadas (PESAVENTO, 2007:11). O Carinho desse filho que não sabe se vem ou se vai<sup>8</sup> nos deixa parte das representações feitas por Bandeira que, por serem filhas do seu tempo, vem a contribuir como mais um estudo

<sup>5</sup> Catálogo MAUC/UFC – Exposição de Pintura (15 de Julho à 15 de Agosto de 1961). Antônio Bandeira, CAIXA 02.

<sup>6</sup> LOPES, Marciano. *Royal Briar: A Fortaleza dos anos 40*. Fortaleza, Ed Tipogresso, 1988

<sup>7</sup> Catálogo MAUC/UFC – Exposição de Pintura (2 a 18 de Julho de 1963). Antônio Bandeira, CAIXA 03.

<sup>8</sup> Trecho do poema cidade queimada de sol de Antônio Bandeira de 1961

sobre a cidade de Fortaleza “feito de corpo e alma, com o carinho das caças, com carinho à Fortaleza, com carinho a Cidade Queimada de Sol”<sup>9</sup>.

## **Bibliografia**

---

<sup>9</sup> Idem

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: Textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BURKE, Peter (Org). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP. P. 237 – 273.

ESTRIGAS. *A fase renovadora da arte cearense*. Fortaleza: UFC Edições, 1983.

ESTRIGAS. *CCBA, SCAP E Modernismo*. Fortaleza: Espaço Cultural Fimezarte, 2012.

MONTEZUMA, Maria de Fátima Sales. *Pintura: traços históricos, vida e produção artística em Fortaleza*. Fortaleza, 1990.

MORAES, Eduardo Jardim de. *A Brasilidade Modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura Brasileira: Utopia e massificação (1950 – 1980)*. São Paulo: Contexto, 2008. P 11-37.

PESAVENTO, Sandra. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Revista Brasileira de História. v. 27, n. 53, 2007.

RODRIGUES, Kadma M. *As cores do silêncio: habitus silencioso e apropriação de pintura em Fortaleza (1924-1958)*. Fortaleza: Expressão Gráfica/SECULT, 2011.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo. *Paisagem do Consumo: Fortaleza nos tempos da Segunda Guerra*. Fortaleza: Museu do Ceará. Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *História e Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.